



## CULTURA INDÍGENA: BATIZADO TRADICIONAL DO MENINO MANOKI

Claudionor Tamūxi Iranxe<sup>1</sup>

Regiane Cristina Custódio<sup>2</sup>

### RESUMO

Este texto se origina de uma pesquisa sobre o povo Irantxe que se autodenomina Manoki. O objetivo é descrever o batizado tradicional do menino Manoki como uma ferramenta insubstituível para uma boa educação dos meninos. Retrata o processo ou rito de passagem do menino para a fase adolescente, e conseqüentemente para a fase adulta. O batizado tradicional é uma forma de educação dentro da cultura. Após seu acontecimento os meninos vão ter um aprendizado não apenas com os homens, mas, se tornarão responsabilidade da família e todo o grupo contribuirá na sua formação. O batizado do menino Manoki é considerado uma parte essencial da educação tradicional. A pesquisa objetiva contribuir para chamar a atenção dos meninos para o significado da cultura Manoki principalmente entre os jovens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura Manoki – Educação – Povo Irantxe.

## INDIGENOUS CULTURE: TRADITIONAL BAPTISM OF THE MANOKI BOY

### ABSTRACT

This text comes from a research on the Irantxe people who calls themselves Manoki. The goal of this production is to describe the traditional baptism of the Manoki boy as an irreplaceable tool for a good education of the boys. It portrays the process or rite of passage of the boy into the adolescent phase, and consequently to the adult phase. Traditional baptism is a form of education within the culture. After the event, the boys will have a learning not only from the men, but, they will become responsibility of the family and the whole group will contribute in their formation. The baptism of the Manoki boy is considered an essential part of traditional education. The research aims to help bring the boys' attention to the meaning of the Manoki culture, especially among young people.

**KEY WORDS:** Manoki culture - Education - Irantxe people

<sup>1</sup>Graduado em Pedagogia Intercultural na Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, Campus de Barra do Bugres. Professor na Escola Estadual Indígena Tapura, na aldeia Paredão, Brasnorte – MT. O texto deriva da monografia desenvolvida pelo acadêmico e foi apresentado na *I Jornada dos Povos do Brasil* realizada na Universidade Federal de Mato Grosso, câmpus de Cuiabá, de 03/10/2016 a 05/10/2016. Redação adaptada para esta versão. E-mail: claumanoki@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* de Tangará da Serra. Membro do grupo de Pesquisa: Cultura, Política e Sociedade. Professora da Faculdade Indígena Intercultural/FAINDI. Faz parte do quadro de professores do profhistória, UNEMAT/Cáceres. Orientadora da monografia de Beatriz Cinta Larga. E-mail: regianecustodio@unemat.br

## 1 Introdução

Este texto chamado de “Batizado tradicional do menino Manoki” retrata o processo ou rito de passagem de criança para a fase adolescente, e conseqüentemente para a fase adulta. Trata-se do resultado de uma pesquisa sobre o povo Irantxe que se autodenomina Manoki.

O objetivo da pesquisa que deu origem a este artigo foi descrever o batizado tradicional do menino Manoki como uma ferramenta insubstituível e de suma importância para a educação dos meninos. Neste rito cultural os meninos Manoki passam a ter contato com os espíritos sagrados que não devem ser revelados. Numa perspectiva metodológica, a pesquisa se deu juntamente com os anciões e jovens que já passaram pelo ritual e que tiveram e tem conhecimentos sobre ele.

A pesquisa de campo foi realizada na própria comunidade onde os anciões que contribuíram para com o desenvolvimento do trabalho foram: Celso Kanuxi Manoki, Manoel Kanuxi Manoki, Luiz Tamuxi Manoki, Bartolomeu Manoki e Angélica Kamutsi.

Entre os jovens que também tiveram a disponibilidade de falar e responder algumas questões referentes a este processo cultural foram: Mailson Janaxi, Jackson Kanuxi e Genilmar Kapyxi. Também foram realizadas pesquisas bibliográficas com leituras em trabalhos de pesquisa de alguns antropólogos que já haviam relatado alguns aspectos culturais do povo, incluindo o batizado tradicional do menino Manoki, André Luís Lopes Neves (2013), e o Instiuto Sócio Ambiental (ISA).

Durante o batizado, os meninos recebem orientações dos homens, dos pais num local (inỹ/oca) que é uma casa tradicional, e assim, quando esses meninos novamente frequentarem a sala de aula (escola) devem estar cientes de que terão de lidar com o ambiente escolar de maneira mais responsável. Eles têm os seus direitos de continuar adquirindo os conhecimentos ocidentais, mas devem ter clareza sobre os ensinamentos recebidos na cultura tradicional de seu povo.

A pesquisa se justificou, pois, a partir dela, foi possível compreender que o batizado do menino Manoki pode ser considerado como parte da educação tradicional. A pesquisa pôde contribuir também para chamar a atenção dos meninos para o significado da cultura Manoki entre os jovens. Além disso, eles saberão que após a fase do batizado deverão se comportar

dentro de suas comunidades de modo a fortalecer um respeito intenso nas suas famílias e contribuir com os trabalhos da casa. O batizado tem o objetivo de transformação na vida desses meninos porque após o seu ocorrido, o comportamento deles tem de ser diferente, principalmente terão de se tornar exemplos para outros meninos e meninas.

Após o batizado os meninos eles recebem muitas responsabilidades que devem cumprir e ensinamentos que devem observar, deixam de ser crianças e passam a fazer trabalhos juntamente com seus pais.

Diante disso, a monografia que foi desenvolvida no curso de Pedagogia Intercultural na UNEMAT de Barra do Bugres, no ano de 2016, buscou mostrar a importância de se observar os ensinamentos que os meninos recebem durante o batizado e assim, contribuir com o aprendizado dos meninos sobre a sua cultura e ao mesmo tempo mostrar a eles que o seu papel dentro da comunidade se transformará após o batizado, até mesmo seu comportamento na sala de aula não indígena, terá de ser diferente.

## **2 Procedimentos metodológicos de realização da pesquisa e da monografia**

No planejamento inicial da monografia constava realizar a pesquisa em duas partes: entrevistas com os anciões e, também, com os jovens. No entanto, apenas a entrevista com os anciões foi realizada. Pretendia-se realizar entrevistas com todos os anciões do povo Manoki, tendo em vista que cada ancião possui infinitos conhecimentos sobre este ritual, porém, alguns anciões não querem mais atender aos jovens que estão realizando pesquisas sobre a cultura.

Segundo os anciões do povo Manoki, os jovens atualmente só pensam em festas e nas culturas não indígenas, por isso ficam bravos com este tipo de comportamento. Mas, enfim, depois de muitas tentativas e diálogos foi possível que alguns aceitassem conversar e consentiram que o registro poderia ser feito em cadernos, apenas em anotações. O ritual do batizado dos meninos Manoki, é considerado sagrado. Assim, concordaram em falar apenas sobre alguns pontos do ritual. Explicou-se que o objetivo é entender, juntamente com o povo Manoki, sobre os problemas encontrados e que estão afetando essa prática cultural.

Não há como negar que a tecnologia, notadamente a presença dos aparelhos de celulares causou uma transformação significativa nos modos de viver dos jovens indígenas. Mas a ideia é deixar claro para esses jovens que eles podem usufruir dos bens materiais e tecnológicos já existentes na comunidade, mas esses não devem modificar tanto as suas vidas, a ponto de

abandonarem os rituais da cultura tradicional de seu povo. Significa dizer que os jovens podem usar o que for oferecido pela cultura ocidental, mas não devem esquecer suas próprias raízes.

Em consequência da transformação cultural de um povo, do contato com os não índios e o avanço tecnológico, esta cultura da realização do batizado tradicional do menino Manoki está deixando de acontecer, e se continuar dessa maneira, logo deixará de existir. E esta é uma situação que preocupa todas as lideranças do povo com esse processo acelerado de transformação da sociedade ocidental, a cultura do povo Manoki pode estar ameaçada.

O batizado é um rito que deve acontecer todos os anos, ao menos uma vez ao ano. Em 2015, por exemplo, o batizado não ocorreu, e isso é uma preocupação para os mais velhos porque pode ser bem prejudicial à educação tradicional do menino Manoki, e principalmente pode significar um apagamento desse ritual.

Durante a fase da pesquisa foi realizada uma atividade de seminários com os jovens, e naquela ocasião aconteceu um diálogo muito importante. A discussão teve como foco o ritual do batizado tradicional do menino Manoki. Nestes seminários cada jovem pôde expor as suas próprias ideias e opiniões sobre a manutenção desse rito e sobre a importância que existe para cada jovem da comunidade passar por ele. O registro do acontecimento dos seminários foi feito através de imagens/fotografias, relatórios e entrevistas. Acreditamos que através de diálogos principalmente com os jovens sobre o batizado tradicional e toda sua estrutura ele seja novamente praticado dentro do povo Manoki.

Com novos temas envolventes dentro da comunidade, novos fatores e programas referentes às questões de saúde, educação, políticas sociais e ambientais ocupam os espaços que o povo teria para realizar os trabalhos da cultura tradicional. De uma forma direta ou indireta esses fatores advindos das práticas sociais dos não indígenas acabam sendo as coisas mais prioritárias, e, as práticas culturais do povo, ficam em segundo plano.

Acredita-se que com a extinção do batizado tradicional do menino, os mesmos possam se engajar num caminho das maldições, tornarem-se rebeldes e desrespeitar o povo, a comunidade em geral e os seus pais. E no meio dessa transição global uma das iniciativas para enfrentar este novo modelo de mundo é manter vivas todas as práticas culturais tradicionais do povo Manoki. Este povo, como tantos outros parentes, também tem buscado novos conhecimentos ocidentais para realizar seus planejamentos com segurança e lutar em defesa de manter vivo aquilo que é mais sagrado a um povo, que é a sua cultura tradicional.

Diante de uma nova adaptação o povo Manoki mesmo encontrando muitos obstáculos, sempre buscam executar os trabalhos culturais. Não que seja difícil realizar estas tarefas, mas devido ao tempo e às preocupações com outros trabalhos ligados aos modos de viver dos não indígenas, novas exigências da vida social assumidas, buscam uma forma de resolver determinados problemas com muita dedicação, responsabilidade e compromisso.

Em decorrência da transição social, o povo Manoki também acredita na diferença entre sua educação tradicional e a educação não indígena. Enquanto nesta parece predominar um conhecimento que leva os indivíduos ao individualismo; a educação tradicional, na perspectiva do povo Manoki, fortalece o modo de viver em coletividade, valoriza a origem e os saberes culturais, confere valor aos conhecimentos sagrados, fortalece espiritualmente. Além disso, une o povo para manter as suas formas de organizações culturais ainda mais fortes. E a prática cultural do povo Manoki preservada, os fortifica para lutar culturalmente, politicamente e socialmente diante da sociedade contemporânea.

Na perspectiva do batizado tradicional, acreditamos que este ritual é a vida do povo, é um ato sagrado que para o povo Manoki, beneficia uma vida saudável, faz prevalecer a felicidade, a vontade de viver e o respeito entre as pessoas permanece, conseqüentemente. Na sequência, um pouco mais sobre a história do povo Manoki, da aldeia Cravari.

### **3 A aldeia Cravari, povo Manoki: história de um povo**

A aldeia Cravari é uma das sete aldeias do povo Manoki, sendo esta a maior entre todas as outras. Localizada a 20 km da Rodovia MT 170, entre Campo Novo do Pareci e Brasnorte, a aldeia está às margens de um córrego límpido de nome córrego São Domingos. A energia hidrelétrica chegou à comunidade no ano 2010, facilitando alguns trabalhos, como por exemplo, preenchimento de diários eletrônicos, transição de documentos da escola e equipes de saúde e gerenciamento de documentos da Associação Watoholi<sup>3</sup> ao facilitar também a forma de comunicação quando necessária.

Na aldeia Cravari habitam 38 (trinta e oito) famílias, num total de 245 (duzentos e quarenta) pessoas. Na aldeia funciona a Escola Municipal Indígena de Educação Básica Cravari

---

<sup>3</sup> A Associação Watoholi é um órgão que pertence ao próprio povo Manoki e atua no sentido de gerenciar projetos que vem do Plano Básico Ambiental/PBA, Linhão e recursos que procedem da lavoura mecanizada. Todos os projetos são a ela direcionados e os diretores, todos indígenas, administram.

(EMIEBC), uma construção de quatro salas de aulas que atende do 1º ao 9º ano do ensino fundamental atendida pela rede municipal e o ensino médio. Atendida pela rede estadual possui um total de 76 (setenta e seis) alunos. A escola conta com 09 (nove) profissionais, sendo 06 (seis) professores, 01 (uma) merendeira, 01(uma) faxineira e 01(um) coordenador pedagógico. Dentre esses professores, atualmente quatro já tem o ensino superior e dois ensino médio.

A escola desenvolve um trabalho chamado de sala do educador, do qual participam, além de professores e alunos, pais de alunos, membros do Conselho de Educação Escolar, membros da comunidade, faxineira, merendeira entre outros. São discutidas várias questões e é feita elaboração de planejamentos de trabalhos distintos. Quando envolve um trabalho comunitário toda a comunidade, juntamente com a escola, participa. Quando o trabalho se refere apenas à escola, participam somente os professores, merendeira, alunos, faxineira, diretores, coordenador pedagógico e outros profissionais da escola. O objetivo deste trabalho desenvolvido na escola é fortalecer um bom processo de ensino e aprendizagem de todos e principalmente dos alunos. Acredita-se que com o funcionamento desta escola na aldeia haverá uma grande contribuição com novas fontes de conhecimento para que se possam buscar ativamente os direitos legais que são garantidos aos povos indígenas pela Constituição Federal.

O povo *Irantxe*, autodenominado de Manoki, vive na região noroeste do Estado de Mato Grosso, município de Brasnorte. Os Manoki falam a língua *Irantxe*, que é uma língua que não tem proximidade com outras famílias linguísticas conhecidas, ou seja, não pertence a nenhum tronco linguístico, sendo assim, é considerada como uma língua isolada<sup>4</sup>.

Segundo a entrevista realizada com o senhor Celso Kanūxi, o povo Manoki se divide em vários clãs, um deles, considerado mais importante para o povo é *Kuxiwiru*, por ser um grupo mais organizado socialmente. Segundo este ancião a palavra *kuxiwiru* se originou de uma pequena briga entre os Manoki e outra etnia conhecida como Beijo de pau ou Tapayunas em decorrência de disputa territorial. Como ambas as etnias não se davam bem, certo dia um grupo de famílias Manoki resolveram atacar os beijo de pau, para isso ficaram de tocaia na beira do rio a espera do povo beijo de pau. Logo então no momento em que esta etnia passava pelo rio, os Manoki atiraram a flecha contra eles que pularam na água fugindo da guerra. Neste momento

---

<sup>4</sup> Informações disponíveis em: Instituto Socio Ambiental/ ISA “Irantxe Manoki, povos indígenas do Brasil”. <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/irantxe-manoki/1320>>. Acesso em: 26 maio, 2015.

começaram a gritar: “são os *kuxiwiru*, são os *kuxiwiru*!” A partir de então esta família Manoki ficou conhecida como família *kuxiwiru*.

André Luís Lopes Neves no artigo: “Nem Irantxe, nem Myky, nem Manoki” (2013, p. 16), diz ter observado relações de alteridade interna nos Manoki, dessa vez em função das coletividades vizinhas. Segundo ele, para falar de seu passado recente, os velhos Manoki empregam uma divisão interna a seu povo que se baseia em “turmas”. A classificação se dá principalmente em razão das relações de parentesco que essas coletividades estabelecem com grupos vizinhos, seja por trocas matrimoniais ou por raptos de crianças de grupos vizinhos. Segundo ele:

Nas últimas décadas, as principais “turmas” manoki são os “Kuxiviru” (tidos como “manoki legítimo”) e os “Kurali” (considerados como “manoki misturado com os Paresi”). Essa denominação “Kuxiviru”, por exemplo, foi um nome empregado pelos Tapaiúna (também conhecidos como “Beijo de pau”) para se referirem a um agrupamento manoki, conhecido como a “turma de Acácio”, em combates na década de 1950. Os velhos que pertenciam à turma desse chefe se apropriaram dessa designação e a utilizam em certas ocasiões para se compararem a outros segmentos manoki para reafirmarem seu caráter “puro” e “não misturado”. Hoje esse tipo de divisão em “turmas” tem sido utilizado levando mais em consideração um critério geográfico: a “turma do Paredão” e a “turma do Cravari” são as formas pelas quais a diferenciação interna dos Manoki tem sido atualizada pelas novas gerações. Essas “turmas” se referem às duas maiores aldeias da terra indígena, em volta das quais existem respectivamente duas e três aldeias satélites, somando um total de sete aldeias na terra indígena atual (NEVES, 2013, p. 16).

O autor diz também que existem outros casamentos com pessoas de diferentes povos que também estão presentes nas aldeias (sobretudo com *Rikbaktsa* e *Kaiaby*), mas não chegam a constituir um subgrupo ou coletividade. As pessoas oriundas desse coletivo ou descendência podem receber dos velhos a denominação referente a seu coletivo de origem na língua Manoki. Para ilustrar o caso, uma anciã da aldeia Cravari, conhecida como velha Angélica é considerada como “Paemía” devido ao seu avô ser oriundo de aldeias Tapaiúna.

Ao analisar o que diz André Luís Lopes Neves (2013) principalmente em se tratando do título que o autor utiliza: “Nem Irantxe, nem Myky, nem Manoki”, venho através das minhas concepções oriundas do povo Manoki contrapor esta versão. Uma vez que os Myky é um povo e Manoki é um outro povo. Apesar de algumas semelhanças culturais isso não é justificativa para afirmar que existe igualdade, ou seja, que esses dois povos são “todos iguais”.

O que acontece é que existe uma forma de organização entre os Manoki que é acolher aqueles parentes de outras etnias que passam a viver entre eles. Por exemplo, em se tratando de

casamento interétnico em que um homem da etnia Manoki se casa com uma mulher da etnia Paresí e esta passa a viver na aldeia Manoki, ela será considerada Manoki. Se for o inverso, Uma mulher Manoki casando-se com um homem Paresí, e este indo viver junto aos Manoki, ele será, também, considerado Manoki, mesmo que pertença a outra etnia. Eles tem os mesmos direitos e deveres igual a um Manoki de origem. No caso deste autor, por exemplo, mestiço do povo Manoki e Nambiquara, nasceu, cresceu e vive junto ao povo Manoki e se considera, verdadeiramente, um Manoki, é claro, sem negar a origem, mas sim se autoafirmando como sendo Manoki.

A história dos Manoki não é muito diferente da história da maioria dos povos indígenas no Brasil, pois foram praticamente dizimados em decorrência de massacres e doenças advindas do contato com os não indígenas ainda no final do século XIX. Segundo os anciões do grupo Irantxe, ainda no século XX, a maior parte dos sobreviventes não viu outra alternativa senão a de viver no internato Utiariti, local onde funcionava uma missão jesuíta que tinha por objetivo catequizar e “civilizar” os índios de Mato Grosso. Ali as crianças e jovens trabalhavam na roça, capinavam o pátio, cuidavam dos animais, cozinhavam, lavavam e cuidavam de suas roupas, entre outros afazeres. Mas Utiariti possuía uma estrutura que chegou a ser considerada uma cidade em miniatura, conforme afirma Silva (1998):

[...] Em Utiariti o gado para sustento do internato chegou a mil e quinhentas cabeças. As roças a oeste se alastravam pelo vale Sete Córregos. A horta e o pomar aumentaram consideravelmente, pois um rego de três quilômetros franqueava a rega. Para aumentar a renda de Utiariti, se abriram seringais nativos, herança dos seringais antigos, agora aproveitados pelos índios. [...] A usina hidrelétrica de 1947 de potência nominal de 20 Kwa, foi substituída por uma de 100 Kwa, em 1963. Na esteira de força elétrica, as máquinas primitivas foram substituídas por mais possantes. Utiariti pôde ostentar atafona, engenho de cana, serraria, carpintaria com perfuradeira, fresa, oficina mecânica com solda, torno. Uma cidade em miniatura (SILVA, 1998, p. 91).

Tal iniciativa, entretanto, teve sua influência na desestruturação sociocultural do grupo. É preciso registrar que o Internato Utiariti teve suas atividades encerradas por volta dos anos de 1969 quando os jesuítas abandonaram a missão.

Tradicionalmente os Manoki sempre viveram na grande região de mata nas proximidades do Rio do Sangue. Não era uma terra demarcada, mas viviam muito bem com os vizinhos de outras etnias, como Rikbaktsa, Tapayuna, por exemplo. Com a chegada dos não



índios, os Manoki acabaram sofrendo pressão dos extrativistas de madeira e foram perdendo aos poucos seu grande território.

Em 1968, os Manoki receberam do Governo Federal um documento de demarcação de sua área, contudo se tratava de uma terra fora da área tradicional de ocupação histórica, cujas características ambientais inviabilizaram o uso tradicional dos recursos. Alguns desses recursos naturais são: a palha do broto de buriti (*toke`y*) para confecção de saias, sementes para produção de colares, tucum (*ulawa*) para fazer barbantes, piúva (*alawa*) para a produção de arcos e flechas<sup>5</sup>.

Segundo levantamento realizado pela diretoria da Associação Indígena Wathoholi/AIWA em 2015 sobre os dados populacionais do povo Manoki, atualmente o povo Manoki/Irantxe possui aproximadamente uma população de 540 (quinhentas e quarenta) pessoas que se distribuem pelas 07 (sete) aldeias: (Cravari, Paredão, Treze de Maio, Dose de Outubro, Recanto do Alípio, Perdiz e Asa Branca).

Atualmente o povo vive em uma região precária de caça, pesca, numa área difícil para produzir as roças tradicionais e água potável também é um problema a ser considerado devido a expansão das lavouras, das fazendas de gado, dos desmatamentos e das usinas hidrelétricas em torno das áreas geográficas do povo. Todos esses impactos ao meio ambiente, mais especificamente impactos no curso e volume das águas, tem impedido que os peixes subam o rio para se reproduzirem. Em se tratando de impactos na mata, as caças foram se acabando com o frequente uso dos agrotóxicos que são utilizados na soja, poluindo também as nascentes dos rios e prejudicando a produção de raízes e ervas para a prática da medicina tradicional, além de dificultar a busca de caças para realizar as festas tradicionais.

Atualmente o povo ainda faz suas roças tradicionais coletivas e individuais, plantando mandiocas, cana, arroz, abacaxi, abóbora, milho, feijão favo, feijão costela, batata doce, cara branco, cara roxo etc. Uma das fontes de geração de renda para o povo é a confecção de artesanato tradicional Manoki como: anel de coco, colares, tiara, *xunã* (enfeites para cabeça),

---

<sup>5</sup> Em 1968, estimulados pelos missionários jesuítas de Utiariti, os Manoki deixaram o internato e se estabeleceram na atual Terra Indígena Irantxe, com cerca de 45 mil hectares, entre as cidades de Campo Novo do Parecis e Brasnorte (MT), em pleno Cerrado. As áreas tradicionalmente ocupadas pelos Manoki, formadas por mata de galeria em transição para floresta amazônica entre os rios Cravari e Sangue, ficaram de fora do traçado da demarcação. Por isso, desde aquela época, foi iniciado um movimento que ganhou força a partir dos anos 90, para a ampliação do território Manoki. Informações disponíveis em: <[http://amazonianativa.org.br/etnia\\_descr.php?ajax=true&id=3&width=600&height=500](http://amazonianativa.org.br/etnia_descr.php?ajax=true&id=3&width=600&height=500)> Acesso em: 26 maio 2015

rede, arco e flecha, barbante de tucum, saias de palha de buriti entre outros artesanatos. Os mesmos artesanatos que também são comercializados dentro e fora da aldeia pelas famílias e até mesmo para outras etnias. Cada família é responsável pela produção e venda de seus artesanatos.

Diferentemente de alguns anos atrás, quando a forma de organização social era totalmente tradicional sem necessidade de uma demanda de trabalho ocidental, a forma de organização tem mudado.

Com o aumento da população e o contato cada vez mais frequente com a sociedade ocidental, para se adaptar o povo fundou uma organização com base nas leis garantidas na constituição brasileira chamada de Associação Indígena *Watoholi* que significa: todos. Com a fundação desta associação o povo busca parcerias entre os entes federativos para atender as demandas do povo. Além desta organização ser legal, através dela a comunidade consegue vender os seus produtos alimentícios e artesanais. O povo ainda mantém a sua hierarquia ancestral de ter um cacique (*Tjikāta*) geral do povo. Segundo o senhor, Celso Xinūxi, ancião da comunidade, antigamente havia um único cacique, denominado cacique geral do povo que era responsável pela organização dos trabalhos, uma vez que no período havia uma única aldeia maior. Conforme as mudanças e o crescimento populacional com o surgimento de novas famílias, também foram surgindo várias aldeias. Como a demanda da forma estrutural organizacional do povo cresceu, houve-se, em concordância com toda a comunidade, a necessidade de em cada aldeia fundada ter um representante chamado de liderança. Essas lideranças, em conjunto com o cacique geral (*Tjikāta*), tomam decisões cabíveis às diversas questões na comunidade ou povo. A organização funciona de uma forma coletiva e as decisões são tomadas coletivamente.

Antes do contato com a sociedade ocidental, a aldeia era formada de uma maneira circular onde as construções das casas eram feitas todas de madeiras e palhas de inajá retiradas do mato. Atualmente esta forma de aldeia tem mudado e as casas estão sendo construídas com outros materiais como cimento e tijolos (concreto) e/ou madeira (tábuas) e cobertas com telhas de amianto.

A única casa que atualmente é construída tradicionalmente atendendo os requisitos ancestrais do povo é a casa sagrada. Pois o povo acredita que, de acordo com os conhecimentos tradicionais dos anciões, se esta forma de construção de casa um dia mudar, os espíritos ficariam revoltados e então iriam embora para bem longe e levariam todos os materiais espirituais

utilizados pelos homens, principalmente aqueles que são utilizados no batizado tradicional do menino Manoki.

Mesmo com o impacto social e ambiental aqui já citado, o povo Manoki ainda domina muito de sua cultura tradicional, como cantos, danças, rituais sagrados, enfim, toda a teia cultural do povo. Atualmente os jovens se reúnem todo final de semana no salão comunitário da aldeia para fazerem principalmente as práticas culturais de cantos e danças tradicionais, é claro, devidamente acompanhados pelos anciões, que são os conhecedores dessa prática.

#### **4 Resultados: o batizado tradicional**

Uma das principais festas tradicionais é o acontecimento do ritual do batizado quando os meninos são liberados, ou seja, quando termina o ritual do batizado tradicional. O povo Manoki possui algumas danças e inúmeros cantos (músicas) tradicionais, a mais destacada é a dança do *yakuli* em que os homens cantam ao som de um instrumento musical. O mesmo instrumento musical que é construído com uma taquara (*Katētyri*) encontrada na beira dos rios. Nesta dança os homens caminham cantando e dançando para frente e as mulheres acompanham logo atrás, também cantando e dançando, mas sem os instrumentos musicais por não utilizarem. Outros cantos tradicionais mais utilizados pelo Manoki são os cantos espirituais em que as mulheres e homens cantam e dançam separados devido ao fato de que existem alguns cantos espirituais que pertencem somente ao gênero feminino, e outros, que pertencem apenas ao gênero masculino.

Segundo a entrevista realizada com o ancião do povo, senhor Manoel Kanūxi em 11 de agosto de 2015, antigamente, a cada ano, o povo se reunia duas vezes para fazer a festa do batizado tradicional do menino Manoki. No primeiro momento a comunidade se reunia para planejar o tipo de trabalho que iria desenvolver enquanto os meninos estivessem confinados na casa sagrada. Geralmente escolhiam fazer derrubadas de roças tradicionais que aconteciam nos meses de março e abril. Nesse período um grupo de meninos se colocava a disposição para serem batizados, enquanto outros somente seriam batizados quando acontecia a queima e o plantio da roça nos meses de setembro e outubro. E para a realização deste trabalho cultural, as mulheres ficavam encarregadas de fazer o preparativo dos alimentos para os homens e meninos que estavam trabalhando na roça. Esse mesmo trabalho cultural que alguns anos atrás durava cerca de três meses, atualmente dura apenas uma semana. Acreditamos que isso aconteça

devido a uma transformação social, cultural e à constante influência da cultura não indígena o que contribui com a diminuição do tempo para a realização desta prática cultural.

Para a realização da festa tradicional são preparadas apenas as comidas tradicionais como: peixe com beiju, carne de animais: porco do mato (*mojamã*), anta (*opyri*), macaco (*patãka*), paca (*ahi*), ema (*api*), farinha de mandioca, chicha de caldo da mandioca mansa e milho. E se caso a festa acontecer no mês de outubro, é preparada a chicha de bacaba do mato por ser o período desta fruta. De acordo com o planejamento comunitário do povo esta festa tradicional acontece apenas em uma só aldeia onde todas as pessoas das sete aldeias se concentrarão para acompanhar este trabalho cultural.

Os meninos passam então por duas fases: na primeira delas eles recebem os ensinamentos dos pais e dos anciões. Depois, eles passarão pelo ritual sagrado onde terão o complemento dos ensinamentos que tiveram anteriormente, ainda na aldeia. Agora, com o ritual secreto eles terão contato com outro tipo de ensinamento, mais aprofundado. E esse ritual secreto é considerado sagrado para o povo Manoki.

Proprietário de uma diversidade de culturas tradicionais milenares destaca-se a educação tradicional do menino que se inicia a partir dos 11 (onze) anos de idade. Nesta fase da vida é quando acontece a transformação do menino tornando-o adulto e ele ficará confinado num determinado lugar para realizar os trabalhos sagrados e culturais. Ele fica na companhia apenas dos seus pais e dos homens que serão os responsáveis por toda a sua estadia no lugar sagrado. Em geral, são muitos meninos que ficam confinados.

O ritual não pode ser completamente divulgado por meio de imagem ou gravações por ser uma parte considerada totalmente sagrada da cultura do povo Manoki. O mesmo rito é praticado desde os ancestrais, por isso uma parte é mantida em sigilo. Nesta fase todos os meninos que passarem por este batizado tem o dever de perfurar o nariz e a orelha para daí utilizarem os artesanatos. No nariz é usado um artesanato chamado de *xirety* construído com uma pequena madeirinha e junto colado penas de papagaios, araras para enfeitar o trabalho. Tanto a orelha quanto o nariz são perfurados com um tipo de madeira chamada de siriva, tal madeira é encontrada nas beiras de rios e brejos. Na orelha é utilizado outro artesanato, um anel de coco do mato.

Na comunidade há uma pessoa especializada culturalmente para fazer a perfuração do nariz e orelha dos meninos, pois isso exige muito cuidado. Além do mais esta pessoa tem suas

próprias habilidades para fazer este trabalho porque a perfuração tanto do nariz quanto da orelha não pode causar nenhum tipo de inflamação e outros riscos que prejudique a saúde dos meninos.

Para realizar o batismo, antes dos meninos passarem pelo ritual, a comunidade escolhe qualquer tipo de trabalho cultural para desenvolverem, como derrubada de roça, queimada da roça, plantio, colheitas dos alimentos para que os meninos possam acompanhar toda essa transição cultural. Antes dos meninos se deslocarem para este lugar sagrado, os mesmos recebem todas as instruções necessárias de um membro conhecedor deste processo cultural do povo. As regras mais citadas por este membro são: os meios de comportamento durante o trabalho com os *Yeta* (espíritos sagrados), respeito aos mais velhos, concentração no trabalho, respeito aos pais, técnicas de trabalhos culturais, aprender a fazer roça e manter em sigilo (o que viram neste trabalho) pelo fato dos homens trabalharem com os espíritos sagrados, os quais as mulheres não podem ver.

Durante esta fase de preparação dos meninos, eles jamais poderão brincar ou ficar no meio das meninas e até mesmo daqueles meninos que ainda não foram batizados na cultura do povo. Pois, a partir do momento em que os pais decidirem que os seus filhos estão na fase de enfrentar a rígida instrução do povo, os mesmos indicam os filhos para a comunidade onde logo após, serão encaminhados para um lugar isolado da aldeia levando consigo apenas seus pertences pessoais. Logo então, se despedem de suas irmãs e mães, pois neste período de tempo não poderão vê-las, uma vez que as mulheres não podem fazer parte desta forma de educação tradicional, pois todo o trabalho que será realizado com os meninos tem a intervenção dos espíritos sagrados do povo. Neste lugar, há uma casa tradicional que abrigará esses meninos durante um mês ou até quando seus pais permitirem. Fica com as mulheres, então, a responsabilidade de preparar toda a alimentação dos homens e cuidar das crianças menores. Enfim, durante este tempo os meninos aprendem a trabalhar e a se comportar como verdadeiros guerreiros.

Depois de completar um mês ou mais neste ritual, antes de saírem da casa sagrada, o povo Manoki prepara uma grande festa para receber esses meninos. E ao saírem, vão para o pátio da aldeia onde são recebidos pelos seus familiares que com muita emoção e saudades abraçam os seus filhos que acabaram de chegar de uma luta da vida do povo. Na festa de chegada dos meninos os alimentos mais preferidos são: peixe assado, carne assada, beiju, chicha de milho e mandioca entre outros. Após irem para suas casas, os meninos são proibidos de brincarem e tocarem nas meninas por um determinado tempo, pois isso pode ser prejudicial.

Depois dessa fase da vida quando os meninos já adquiriram um amplo conhecimento e responsabilidade, já estão preparados para assumirem e construir a suas próprias famílias.

A seguir, uma história narrada pelos anciões da aldeia sobre o batizado tradicional do menino Manoki.

#### **4.1 Uma história sobre o Batizado Tradicional do menino Manoki**

Contam os anciões da aldeia que antes do contato do povo Manoki com a sociedade ocidental, o povo mantinha uma forma de organização social original de acordo com as suas especificidades e tradições culturais. Assim, entre tantas práticas tradicionais, o batizado tradicional do menino Manoki era muito rígido e somente podiam passar por este processo os meninos que chegassem aos seus quinze anos de idade. Até mesmo porque este batizado tinha a duração de um ou mais meses de acordo com as regras tradicionais do povo.

Dizem os anciões da comunidade em especial o senhor Celso Kanûxi, pessoa com quem realizei diretamente esta pesquisa em 07 setembro de 2015, que antigamente o povo Manoki estava realizando este trabalho cultural na roça comunitária juntamente com os meninos que estavam sendo batizados naquele período. No exato momento em que trabalhavam na roça, o pai de um dos meninos que já havia sido batizado pediu que ele fosse até a suas casa buscar os alimentos tradicionais preparados pela sua mãe. O menino obedeceu as ordens de seu pai e seguiu em direção a sua casa. Como o menino demorou muito para retornar à roça, o pai e os demais homens ficaram desconfiados que o seu filho contou o segredo do batizado tradicional do menino Manoki para as mulheres, por isso estava com medo de retornar.

Enfim, o menino, ao retornar para a roça com os alimentos, avistou uma imensa fogueira no centro da roça. Sem saber qual o motivo daquilo, seu pai o chamou para sentar ao redor daquela fogueira dizendo que ia catar o seu piolho. No momento em que este pai catava o piolho começou a chorar sem que o seu filho percebesse as lágrimas que corriam na cabeça do garoto. O menino então perguntou ao pai:

– Pai você está chorando?

– Não filho, é porque está muito quente, é apenas o meu suor.

Então neste exato momento o pai empurrou o seu filho no fogo e o enforcou com um pedaço de pau até que o menino ficasse bem assado e pronto para os homens se alimentarem.

Horas depois, e ao entardecer do dia, quando todos retornaram para suas casas, o pai daquele que foi jogado no fogo levou em seu *pyri* (*xire*)<sup>6</sup> um braço do menino para sua esposa dizendo que era braço de uma paca que os homens haviam matado na roça. Mas o homem esqueceu-se do colar que estava no braço do menino que não foi queimado. Ao chegar na casa sem o menino, o homem foi questionado pela sua esposa sobre onde estava seu filho. Logo o marido respondeu que ele estava brincando com outros meninos. A mulher então, ao avistar o *xire* do marido conheceu o colar que o seu filho usava no braço. Ficou desesperada e perguntou ao seu esposo o que haviam feito com a criança. Sem saber dar as explicações, o marido acabou confessando a verdade dizendo que os homens tinham jogado o seu filho no fogo. A mulher ficou muito brava com o seu marido e os demais homens, reuniu todas as mulheres da aldeia, pegaram as flechas e saíram atacando os homens matando-os quase todos.

E é por esta razão que este batizado tradicional é sagrado e somente os homens, atualmente a partir dos doze anos de idade (porque no passado eles se batizavam a partir dos 15 anos), podem passar por este processo.

## 5 Considerações finais

Com a produção e um registro científico deste material pode-se dizer que mesmo com a transformação cultural e social do povo Manoki esta prática cultural milenar destacada neste trabalho jamais deverá ser esquecida, abandonada ou considerada “morta” na vida do povo, pois o ritual fortalece a cultura do povo, fortalece a sua vida. As mulheres podem ser incluídas no processo de participação do ritual, ainda que não de uma forma direta, mas em partes no que cabe a elas contribuir com esta prática cultural para que aconteça anualmente. A contribuição das mulheres é sempre no sentido de acompanhar e fazer os preparativos dos artesanatos, pinturas corporais, preparo da alimentação e a continuidade no incentivo aos seus filhos de não se esquecerem dos ensinamentos adquiridos durante o batizado tradicional.

A perspectiva é de que após a finalização da monografia ela se tornasse um instrumento capaz de proporcionar uma leitura reflexiva e assim, contribuir com o povo Manoki para que incentivem seus filhos para a continuidade e a preservação da prática cultural do batizado sagrado.

---

<sup>6</sup> Uma espécie de cesto feito com buriti.

Com a produção da monografia, o que se desejava era que ela pudesse ser mais um instrumento para o fortalecimento da cultura Manoki. Enfim, que ela pudesse contribuir com o conhecimento cultural do próprio povo e com a divulgação de sua cultura para fora da aldeia e, assim, possibilitar o fortalecimento e a autoafirmação do povo em decorrência do contato com a sociedade ocidental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A amazônia, os índios e eu: notícias & outras correspondências.** Disponível em: <<http://malinche.wordpress.com/2006/08/21/o-povo-irantxe-manoki>> Acesso em: 01 fev. 2016

NEVES, André Luís Lopes. **Nem Irantxe, nem Myky, nem Manoki.** Uma reflexão para compor o debate acerca do nome de um povo. Disponível em: <[http://www.reaabanne2013.com.br/anaisadmin/uploads/trabalhos/10\\_trabalho\\_000540\\_1373835830.pdf](http://www.reaabanne2013.com.br/anaisadmin/uploads/trabalhos/10_trabalho_000540_1373835830.pdf)> Acesso em: 25 maio 2016

**Povos Indígenas no Brasil.** Instituto Socioambiental. Disponível em: <<http://http://pib.socioambiental.org/pt/povo/irantxe-manoki>> Acesso em: 01 fev. 2016

**SILVA, José de Moura e. Missão Prelazia de Diamantino (22.3.1929 a 16.10.1979).** Primeira parte – Prelazia de Diamantino. Cuiabá, 1998.

### Consultores Nativos

Celso Kanuxi 65 anos de idade/ancião

Alonso Irawali 80 anos de idade/ancião

Manoel Kanxi 60 anos de idade/ancião

### Jovens participantes da pesquisa

Maílson Janãxi 15 anos de idade/aluno

Jackson 18 anos de idade/aluno